

# RELATÓRIO SOBRE ESCALA DE EXPERIÊNCIA DE INSEGURANÇA ALIMENTAR (FIES) - 2019



**RELATÓRIO SOBRE  
ESCALA DE EXPERIÊNCIA DE  
INSEGURANÇA ALIMENTAR (FIES)  
2019**

**JANEIRO 2023**

## FICHA TÉCNICA

### Director Geral

José Calengi

### Editor

Instituto Nacional de Estatística  
Rua Ho-Chin Minh, Caixa Postal n.º 1215  
Tel.: (+244) 226 420 730/1  
Luanda – Angola  
<https://ww.ine.gov.ao>

### Análise de Qualidade

José Calengi  
Hernany Luís

### Coordenação da FAO Angola

Inmaculada del Pino Alvarez  
Nelson Muniz Bernabe

### Equipa Técnica do INE

Teresa Spínola  
Patrick Pedro  
Orlanda Costa  
Naulila Papeseco  
Adilson Muhongo  
Carlos Afonso  
Rigoberto Longuenda  
Adolfo Waddle António

### Equipa Técnica do MINAGRIF

Hermelinda Rodriguez  
Elsa Gaspar  
Andrade dos Santos

### Consultores – FAO

Carlos Cafiero  
Verónica Boero  
Talent Paim  
Gabriela Interlenghi  
Reprodução autorizada, excepto para fins comerciais, com Indicação da fonte bibliográfica  
INE. Luanda, Angola – 2020

### Composição e Difusão

INE – Divisão de Difusão

### Fotografia

Foto Mercado Asa Branca Luanda: © FAO/C.Marinheiro

### Apoios

FAO

### Tiragem

200 Exemplares

**Para esclarecimento e informação adicional sobre o conteúdo desta publicação contactar:**

Departamento de Estatísticas Demográficas e Sociais [margarida.lourenco@ine.gov.ao](mailto:margarida.lourenco@ine.gov.ao) (chefe de Departamento) [teresa.spinola@ine.gov.ao](mailto:teresa.spinola@ine.gov.ao) (Responsável de domínio)

# ÍNDICE

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	<b>7</b>
<b>2. ASPECTOS METODOLÓGICOS</b> .....	<b>9</b>
2.1. BASE DE AMOSTRAGEM .....	9
2.2. COBERTURA.....	9
2.3. UNIDADES AMOSTRAIS E DE OBSERVAÇÃO .....	9
2.4. DESENHO E TAMANHO DA AMOSTRA.....	9
2.5. TAXA DE RESPOSTA .....	10
2.6. AJUSTAMENTO DOS PONDERADORES PRELIMINARES.....	10
<b>3. PROCESSO DE VALIDAÇÃO ESTATÍSTICA</b> .....	<b>11</b>
QUADRO Nº 1 - PARÂMETRO E ESTATÍSTICAS DE AJUSTE DOS ITENS.....	11
<b>4. PROCESSO DE CALIBRAÇÃO</b> .....	<b>12</b>
GRÁFICO Nº 1 - CALIBRAÇÃO DA ESCALA GLOBAL COM A MÉTRICA DA ESCALA DE ANGOLA .....	12
<b>5. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS</b> .....	<b>12</b>
5.1. PREVALÊNCIA DA INSEGURANÇA ALIMENTAR NOS AGREGADOS FAMILIARES .....	13
GRÁFICO Nº 2 - PREVALÊNCIA DA INSEGURANÇA ALIMENTAR NOS AGREGADOS FAMILIARES POR ÁREA DE RESIDÊNCIA	<b>ERRO!</b>
<b>INDICADOR NÃO DEFINIDO.</b>	
CARTOGRAMA Nº 1 – DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL (...) MODERADA OU SEVERA POR PROVÍNCIA .....	<b>ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.</b>
CARTOGRAMA Nº 2 - PREVALÊNCIA DA INSEGURANÇA (...) POR AGREGADO FAMILIAR, SEGUNDO A PROVÍNCIA.....	<b>ERRO!</b>
<b>INDICADOR NÃO DEFINIDO.</b>	
5.2. PREVALÊNCIA DE INSEGURANÇA ALIMENTAR MODERADA OU SEVERA NA POPULAÇÃO.....	<b>ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.</b>
GRÁFICO Nº 3 - PREVALÊNCIA DE INSEGURANÇA ALIMENTAR (...) SEVERA NA POPULAÇÃO POR ÁREA DE RESIDÊNCIA ..	<b>ERRO!</b>
<b>INDICADOR NÃO DEFINIDO.</b>	
CARTOGRAMA Nº 3 – PREVALÊNCIA (...) ALIMENTAR MODERADA OU SEVERA NA POPULAÇÃO POR PROVÍNCIA .....	19
CARTOGRAMA Nº 4 – PREVALÊNCIA DE INSEGURANÇA ALIMENTAR SEVERA NA POPULAÇÃO POR PROVÍNCIA .....	20
<b>6. POLÍTICAS PÚBLICAS SOBRE SEGURANÇA ALIMENTAR</b> .....	<b>21</b>
<b>ANEXO</b> .....	<b>22</b>
<b>ANEXO N.º 1 - MARGEM DE ERRO E INTERVALOS DE CONFIANÇA</b> .....	<b>24</b>
QUADRO Nº 2 - ESTIMATIVA DA PREVALÊNCIA DE INSEGURANÇA ALIMENTAR .....	24
QUADRO Nº 3 - PREVALÊNCIA DE INSEGURANÇA ALIMENTAR MODERADA OU SEVERA NOS AGREGADOS FAMILIARES .....	24
QUADRO Nº 4 - PREVALÊNCIA DE INSEGURANÇA ALIMENTAR SEVERA NOS AGREGADOS FAMILIARES.....	25
QUADRO Nº 5 - PREVALÊNCIA DE INSEGURANÇA ALIMENTAR MODERADA OU SEVERA NA POPULAÇÃO .....	25
QUADRO Nº 6 - PREVALÊNCIA DE INSEGURANÇA ALIMENTAR SEVERA NA POPULAÇÃO.....	26
<b>ANEXO N.º 2 – METODOLOGIA SOBRE O CÁLCULO DAS MARGENS DE ERRO</b> .....	<b>27</b>
<b>ANEXO N.º 3 – METODOLOGIA DE ANÁLISE DA FIES</b> .....	<b>28</b>
FIGURA Nº 1 – A INSEGURANÇA ALIMENTAR AO LONGO DO GRADIENTE CONTÍNUO DE SEVERIDADE .....	28
<b>ANEXO N.º 4 - QUESTIONÁRIO</b> .....	<b>31</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Melhorar a medição da segurança alimentar e nutricional é uma das prioridades do Governo de Angola. O país avança na consolidação de uma plataforma de monitoramento dos ODS e prioriza o investimento na geração de evidências para melhorar a tomada de decisão. Um dos Objectivos prioritizados dos Objectivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) é o ODS2: *Acabar com a fome, alcançar a segurança alimentar e melhoria da nutrição e promover a agricultura sustentável*.

O ODS 2 tem oito metas e 14 indicadores, dos quais FAO é agência custódia, por tanto, responsável pela metodologia de análise e medição de 10 destes indicadores, para o que provê assistência técnica aos Governos para sua adopção. Após ampla consulta, a Comissão de Estatística da ONU, mandatada pela Assembleia Geral da ONU para seleccionar os indicadores para monitorar a Agenda 2030, elegeu a *“Prevalência de insegurança alimentar moderada ou severa na população, com base no FIES”* como indicador do ODS 2.1. 2.

Em 2019, o Governo de Angola, através do Ministério da Economia e Planeamento com o Instituto Nacional de Estatística, decidiu incorporar o FIES nos inquéritos nacionais, em particular no Inquérito ao Emprego em Angola (IEA), a fim de obter de maneira periódica, os melhores dados para avaliar a insegurança alimentar no país e sua relação com as diversas variáveis socioeconómicas.

**A Escala de Experiência de Insegurança Alimentar (Food Insecurity Experience Scale – FIES) é o instrumento oficial utilizado pela FAO para produzir estimativas de prevalência da insegurança alimentar no contexto da monitorização do indicador 2.1.2 da Meta 2.1 dos ODS: “Até 2030, acabar com a fome e garantir o acesso de todas as pessoas, em particular os pobres e pessoas em situações vulneráveis, incluindo crianças, a alimentos seguros, nutritivos e suficientes durante todo o ano”.** Especificamente o indicador 2.1.2: Prevalência de insegurança alimentar moderada ou grave, baseado na Escala de Experiência de Insegurança Alimentar (FIES).

## 2. MEDIÇÃO DA INSEGURANÇA ALIMENTAR

A FIES é uma métrica padronizada, globalmente válida e baseada na experiência da gravidade da insegurança alimentar, que depende das respostas directas dos indivíduos as oito (8) perguntas sobre as condições relacionadas às dificuldades de acesso aos alimentos, devido à falta de dinheiro ou outros recursos. Com base nas suas respostas aos itens do inquérito FIES, os indivíduos ou agregados familiares inquiridos recebem uma probabilidade de pertencer a uma das três classes, conforme definido por dois limiares definidos globalmente: segurança alimentar ou insegurança leve, insegurança alimentar moderada e insegurança alimentar severa. Essa informação é usada para produzir o indicador ODS 2.1.2, “Prevalência de insegurança alimentar moderada ou severa (moderada mais severa) na população, com base no FIES”, que é a soma da proporção da população afectada por insegurança alimentar moderada mais a proporção da população classificada como insegurança alimentar severa.

Como indicador separado, “Prevalência de insegurança alimentar severa na população, com base no FIES” é calculada considerando apenas a classe de insegurança alimentar severa.

**Insegurança alimentar moderada:** Os agregados familiares com insegurança alimentar moderada enfrentam **incertezas quanto à sua capacidade de obter alimentos e foram forçados a reduzir (por vezes durante o ano) a qualidade e/ou quantidade dos alimentos que consomem por falta de dinheiro ou outros recursos**. Portanto, refere-se à falta de acesso consistente aos alimentos, o que **diminui a qualidade da dieta**, perturba os padrões habituais de alimentação e pode ter consequências negativas para a nutrição, saúde e bem-estar.

**Insegurança alimentar severa:** Também por falta de dinheiro ou outros recursos, as pessoas que enfrentam insegurança alimentar severa, por outro lado, provavelmente **ficaram sem comida, passaram fome e, na situação mais extrema, passaram dias sem comer, colocando sua saúde e bem-estar em sério risco**.

Esta metodologia foi desenvolvida com base em décadas de experiência bem-sucedida com o uso de ferramentas similares e é acompanhada por uma metodologia que permite a produção de estimativas de prevalência de insegurança alimentar cuja validade e fiabilidade podem ser formalmente avaliadas e comparáveis entre países, inclusive países com taxas muito baixas ou muito elevadas de insegurança alimentar.

A incorporação da FIES no Inquérito ao Emprego em Angola (IEA) vai permitir contar com dados de periodicidade anual e garantir o monitoramento permanente da situação da Segurança Alimentar (SAN) no país a nível nacional e provincial, permitindo assim, melhorar a gestão territorial da SAN. Com o primeiro relatório FIES o país vai poder reportar o ODS2 no Relatório Nacional Voluntário dos ODS que Angola vai apresentar no Fórum Político de Alto Nível para o ano 2021.

## 2. ASPECTOS METODOLÓGICOS

### 2.1. Base de Amostragem

A amostra do Inquérito ao Emprego de Angola (IEA) é uma sub-amostra da Amostra Mãe, baseada no Recenseamento Geral da População e Habitação 2014 (RGPH 2014), realizado pelo INE. Esta Amostra Mãe foi desenhada para servir o programa de inquéritos nacionais aos agregados familiares durante o período intercensitário 2014-2024.

### 2.2. Cobertura

Foram entrevistados os agregados familiares residentes em habitações não colectivas e de uso principal. O IEA teve cobertura nacional, abarcando áreas rurais e urbanas.

### 2.3. Unidades Amostrais e de Observação

As unidades amostrais foram as habitações não colectivas e as unidades de observação os agregados familiares que vivem nas habitações seleccionadas, bem como os indivíduos que o constituem. A amostra não inclui os agregados familiares e membros que residem em estabelecimentos colectivos, tais como quartéis, lares, hospitais, cadeias, hotéis, etc.

A unidade estatística de amostragem é o agregado familiar onde são recolhidos dados sociodemográficos de todos os membros. O IEA está em curso desde Abril de 2019, tem periodicidade trimestral, bem como usa o método de painel com o esquema de rotação de 50% dos agregados familiares residentes, processo de recolha contínuo durante os 12 meses de cada ano civil e que disponibiliza os resultados trimestrais e anuais.

### 2.4. Desenho e Tamanho da Amostra

A amostra do IEA 2019 IV Trimestre foi determinada em 10. 944 agregados familiares a nível nacional, com uma representatividade de 55,2% urbana de acordo com os dados da cartografia usada no RGPH 2014. A amostra deste inquérito é probabilística e permite disponibilizar dados a nível nacional, por província e por área de residência (urbana e rural).

Do total de agregados familiares inquiridos, 10.815 fizeram parte da análise da FIES que utilizou o modelo padrão com as oito perguntas referentes os últimos 12 meses dirigidos aos chefes dos agregados familiares. Na amostra estão incluídos os casos extremos, isto é, aqueles com pontuação 0 e 8. A FIES estabelece uma métrica baseada na experiência para a gravidade da condição da insegurança alimentar das pessoas ou nos agregados familiares. A métrica é calculada a partir de dados sobre as respostas directas das pessoas a perguntas sobre o seu acesso aos alimentos de qualidade e quantidade adequada.

A questão inicial do módulo sobre a insegurança alimentar é sobre a preocupação em ter alimentos suficientes e as demais questões são sobre situações objectivas vividas pelo inquerido por falta de dinheiro ou de outros recursos tais como diminuição na variedade de alimentos, alimentar-se menos, saltar refeições, incapacidade para satisfazer a fome e passar um dia inteiro

sem comer. Cada questão faz referência a uma experiência diversa e está associada com um nível diferente de severidade de insegurança alimentar.

## 2.5. Taxa de Resposta

A taxa de resposta global corresponde ao quociente entre o número de entrevistas conseguidas e válidas (10.815) tendo em conta o total da amostra (10.944), ou seja, 98,8%.

## 2.6. Ajustamento dos Ponderadores Preliminares

Foram ajustados os ponderadores preliminares de todos os agregados familiares na amostra por província, usando as projecções da população por província.

## 2.7. Modulo sobre Insegurança Alimentar

A insegurança alimentar foi avaliada por meio da FIES, que consiste em uma métrica da severidade da insegurança alimentar construída com informações recolhidas pelo módulo de inquérito FIES (**Ver anexo 4**), composto por 8 questões. Estas questões recolhem respostas directas (“sim” ou “não”) sobre as experiências dos indivíduos ou agregados familiares em relação às dificuldades de acesso aos alimentos, em qualidade e quantidade, devido à falta de dinheiro ou outros recursos, tendo como base um determinado período de referência. Cada questão do módulo de inquérito FIES faz referência a uma experiência diversa e está associada com um nível diferente de severidade de insegurança alimentar.

O IEA 2019 utilizou o período de referência padrão da FIES concernente aos 12 meses anteriores à entrevista, em sua versão a nível do agregado familiar com perguntas dirigidas aos chefes dos agregados (**Anexo 4**).

A FIES é acompanhada por uma metodologia que permite primeiro avaliar cuidadosamente a qualidade dos dados e, em seguida, obter estimativas de diferentes níveis de severidade de insegurança alimentar experimentada pelos indivíduos e de prevalência de insegurança alimentar em níveis (leve, moderada ou severa) comparáveis ao longo do tempo.

### 3. VALIDAÇÃO ESTATÍSTICA

A validação estatística preliminar dos dados é um processo importante para a estimação da FIES, pois permite avaliar a qualidade dos dados e indicar que a medida de insegurança alimentar obtida tem sustentabilidade estatística suficiente para a sua utilização. É durante o processo de validação estatística onde se estima os parâmetros de severidade do item e do respondente, possibilitando produzir uma medida de insegurança alimentar que espelhe a realidade da população em referência. (**Ver Anexo 3**).

A etapa de validação estatística envolve a aplicação do modelo Rasch, que é um protocolo para a análise do conjunto de dados do módulo de insegurança alimentar. Os pressupostos do modelo Rasch supõem uma condição prévia para o estabelecimento de validade e confiabilidade das medidas obtidas. O modelo produz quatro estatísticas principais (**Infit, Outfit, matriz de correlação residual e a confiabilidade de Rasch**) de modo a avaliar a qualidade dos dados e verificar se atendem aos pressupostos do modelo. Particularmente importantes são os valores *infit*, que devem ser menores do que o valor de referência 1,3 para concluir que todos os itens contribuem para uma escala de medição válida (**Quadro 1**).

**Quadro 1 - Parâmetro e estatísticas de ajuste dos itens**

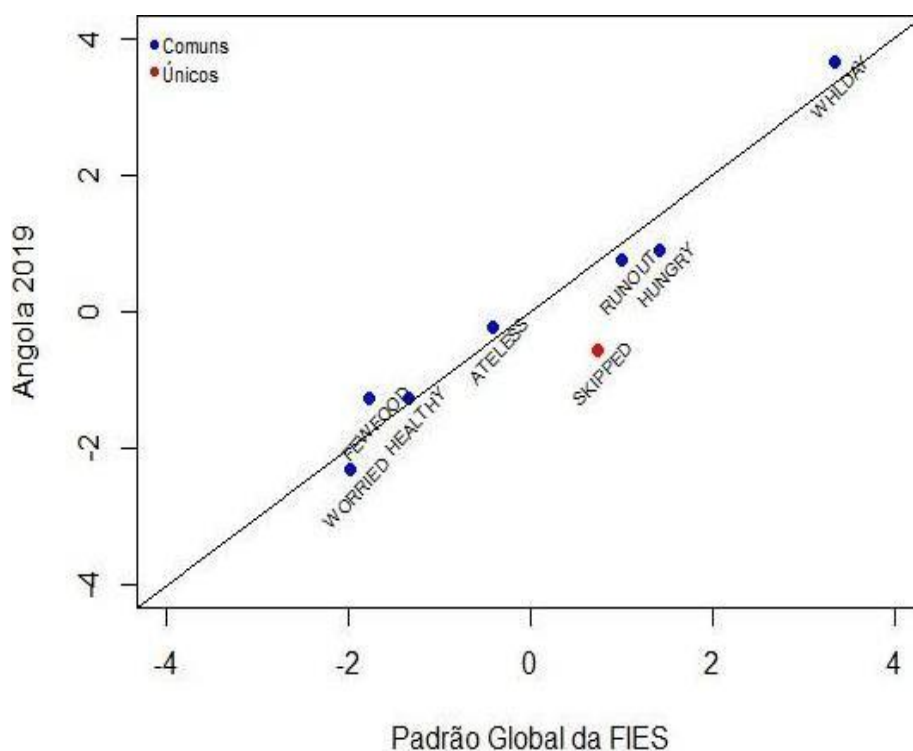
Item	Parâmetro do item ( <i>b</i> )	Erro-padrão	Infit	Proporção de respostas afirmativas	Número de respostas afirmativas
WORRIED (Preocupado)	-2.30	0.05	1.25	0.90	9 810
HEALTHY (Sem alimentos saudáveis)	-1.27	0.04	1.10	0.84	8 971
FEWFOOD (Pouca comida)	-1.27	0.04	1.01	0.84	9 167
SKIPPED (Saltar refeições)	-0.56	0.03	0.83	0.77	8 600
ATELESS (Comeu menos)	-0.22	0.03	0.85	0.74	8 219
RUNOUT (Sem comida)	0.77	0.03	0.76	0.64	7 228
HUNGRY (Com fome)	0.88	0.03	0.89	0.62	7 282
WHLDAY (Sem comer o dia inteiro)	3.65	0.05	1.08	0.28	3 542

#### 4. PROCESSO DE CALIBRAÇÃO

A calibração é um processo essencial para obter estimativas comparáveis entre províncias, grupos sociais e com diferentes países no quadro do programa de monitorização dos ODS. Neste processo, se identifica um conjunto de itens comuns entre a escala nacional e a referência global e se realiza uma transformação linear para igualar a média e o desvio padrão do conjunto de itens que são comuns para as duas escalas. Ao calibrar os dados nacionais em relação ao padrão global FIES, as escalas são colocadas em uma métrica comum, permitindo assim a produção de medidas comparáveis de gravidade para todos os respondentes. Por fim, são calculadas as taxas de prevalência com o ajuste da escala nacional para o padrão global de referência e o cálculo das taxas de prevalência de insegurança alimentar em dois níveis de gravidade com limiares comparáveis de severidade de insegurança alimentar: moderada ou severa (**Ver Anexo 3**).

Os resultados foram calibrados com vista a gravidade associada com os oito itens do FIES e usando os parâmetros definidos pela FAO para a sua avaliação. Sendo assim, a disponibilidade de alimentos foi considerado como item único “**Skipped**”, pois mostrou-se o mais adequado para medir a escala de insegurança alimentar do país, conforme espelhado no **gráfico 1**.

**Gráfico 1 - Calibração da escala global com a métrica da escala de Angola**



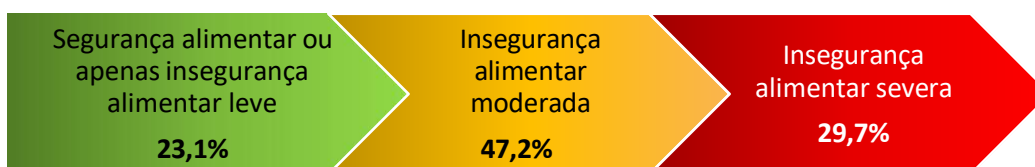
Conforme se observa no gráfico acima, o facto de os outros sete itens estarem muito próximo da diagonal, isto garante que o limiar escolhido para calcular a prevalência de insegurança alimentar moderada e severa siga exactamente os padrões internacionais definidos para os indicadores dos ODS.

## 5. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

### 5.1. Prevalência da Insegurança Alimentar nos Agregados Familiares

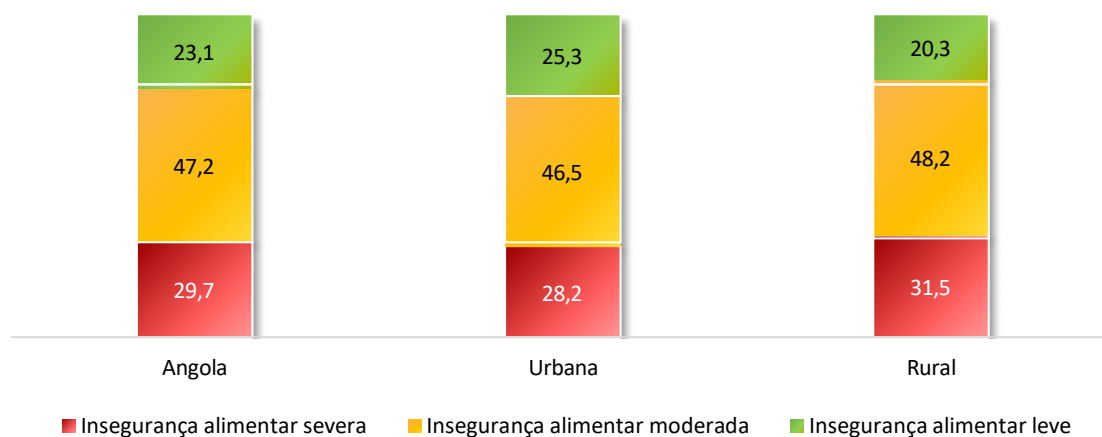
As estimativas da insegurança alimentar nos agregados familiares permite-nos conhecer a real situação da disponibilidade e acesso de alimentos variados e saudáveis á população. Os resultados mostram a prevalência da insegurança alimentar nos diferentes níveis, conforme a figura 1.

Figura 1 - Resultados da escala de insegurança alimentar nos agregados familiares



Os resultados mostram que pouco mais de 23% dos agregados familiares em Angola podem ser considerados em segurança alimentar ou apenas insegurança alimentar leve. Sendo que, 76,9% dos agregados familiares a nível nacional encontram-se em situação de insegurança alimentar moderada ou severa ( $IA_{mod+sev}$ ), destes 47,2% corresponde a insegurança alimentar moderada e 29,7% insegurança alimentar severa ( $IA_{sev}$ ). Isto significa que 7 em cada 10 agregados familiares tiveram pelo menos uma alimentação de baixa qualidade e podem ter sofrido redução na quantidade normalmente consumida de alimentos. Esta situação é pior nos agregados familiares residentes na área rural comparada com a área urbana (79,7% e 74,7%, respectivamente).

Gráfico 2 - Prevalência da insegurança alimentar nos agregados familiares por área de residência

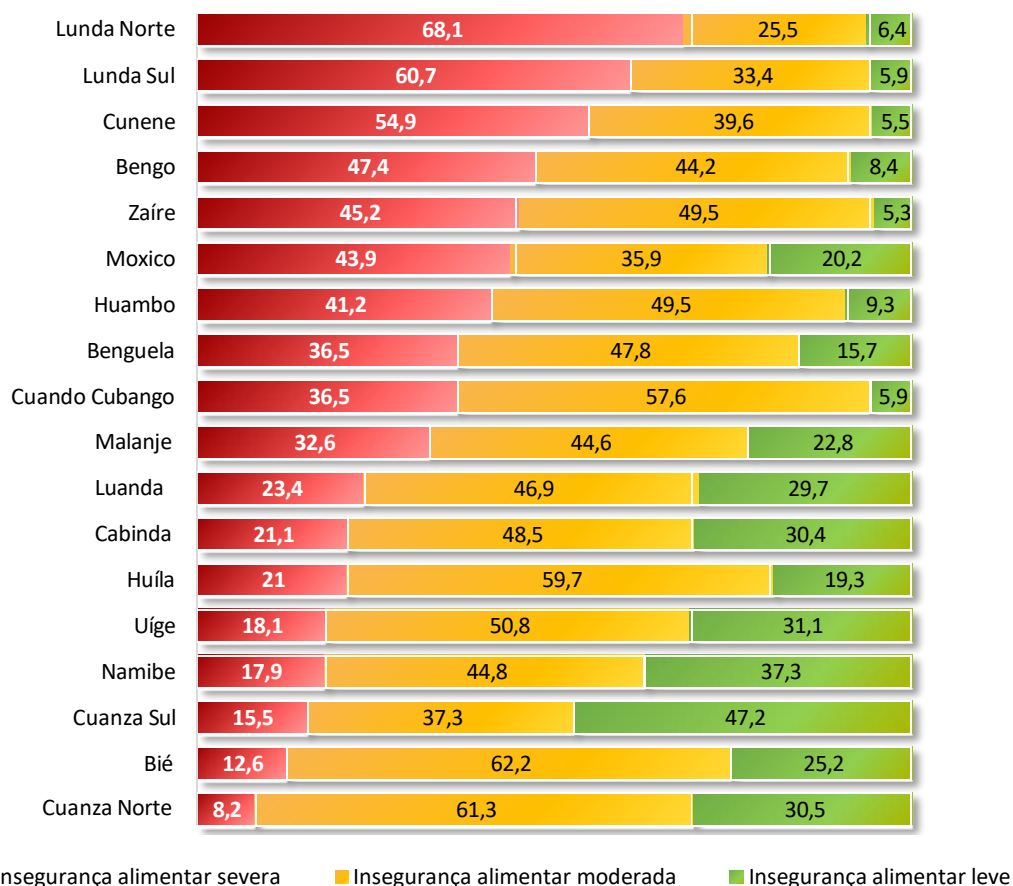


O IEA estimou um total aproximado de 6,3 milhões de agregados familiares em 2019. Destes, 29,7% ou cerca de um terço dos agregados familiares enfrentavam insegurança alimentar severa, o que representa aproximadamente 1.9 milhões de agregados familiares que reduziram substancialmente sua alimentação por falta de dinheiro ou outros recursos e tiveram uma alta probabilidade de ficar um ou mais dias inteiros sem se alimentar, nos últimos 12 meses. A área

rural apresentou a maior prevalência de insegurança alimentar severa em relação a área urbana, 31,5% (contra 28,2%), representando um diferencial de três pontos percentuais (**Gráfico 2**).

O **gráfico 3** permite verificar a variação da Insegurança alimentar a nível das províncias, possibilitando a intervenção local em termos de políticas que visam a redução de insegurança alimentar e garantir o acesso a alimentos para todos no país. Tendo em conta os intervalos de confiança, é possível verificar que algumas províncias apresentam prevalências de insegurança alimentar similares na sua maioria encontram-se acima da média nacional.

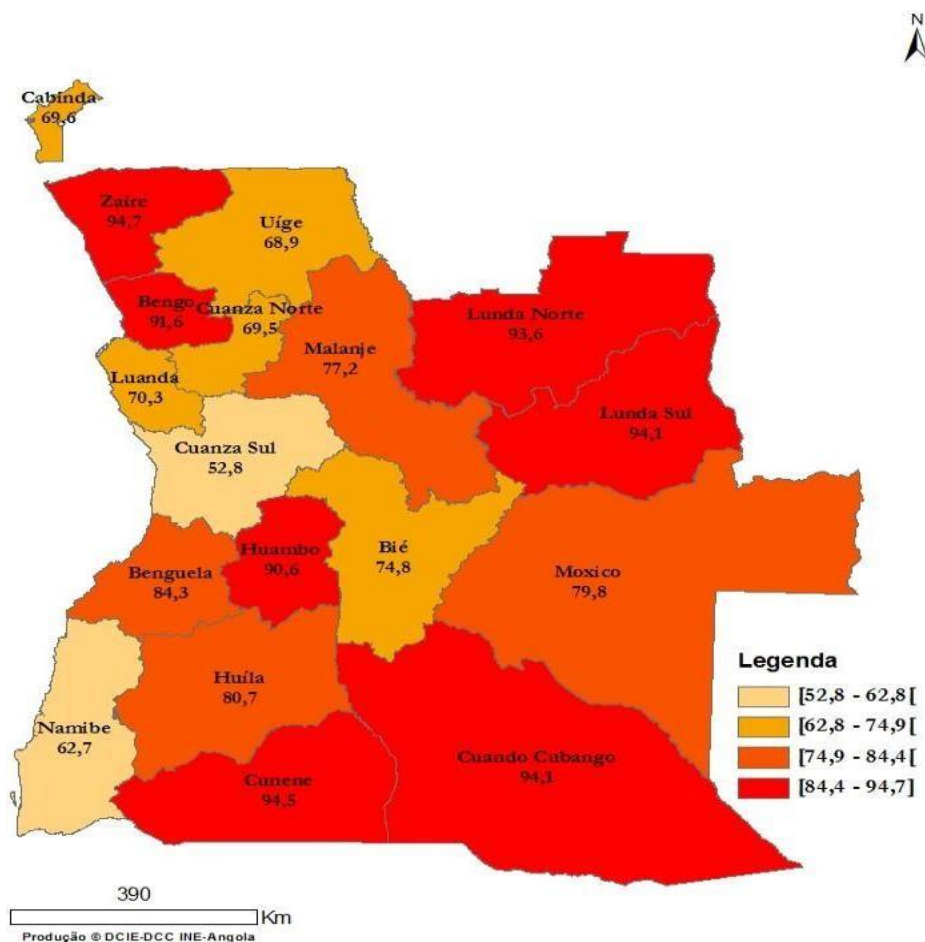
**Gráfico 3 - Níveis de prevalência da insegurança alimentar nos agregados familiares por província**



A província do Cuanza Norte apresenta a maior prevalência de segurança alimentar moderada e por sua vez a menor prevalência da insegurança alimentar severa.

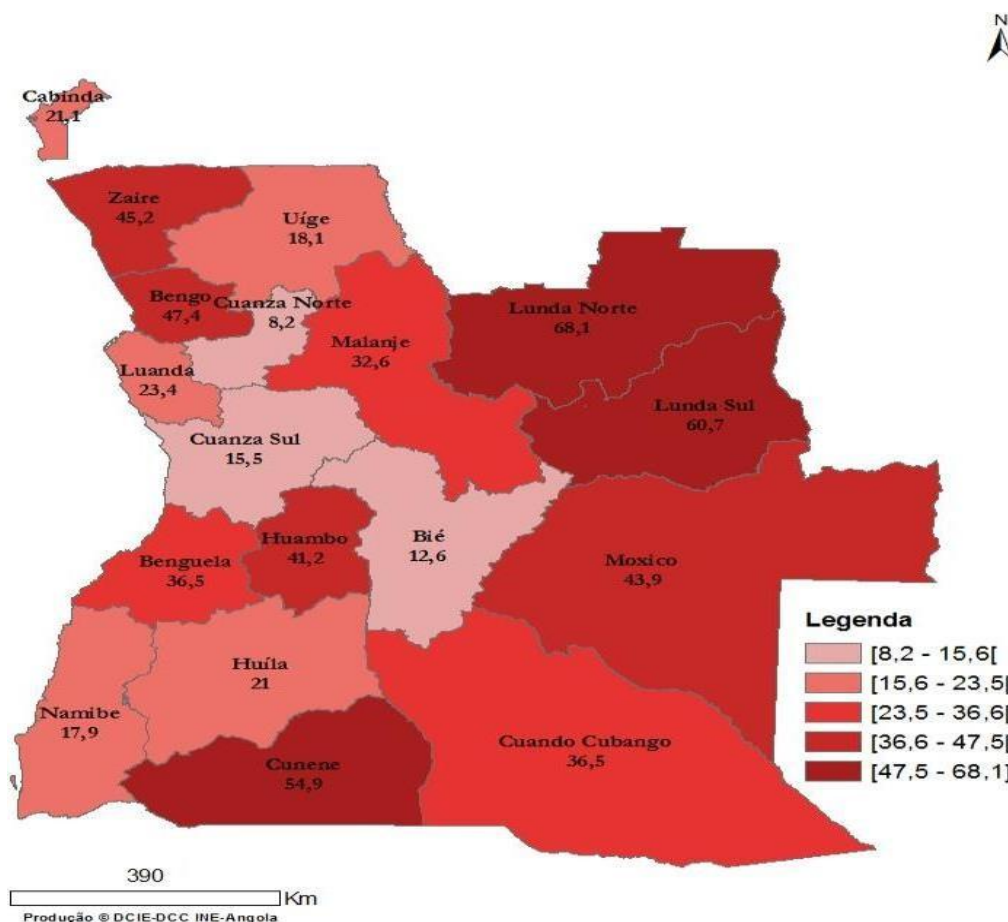
No **cartograma 1** podemos observar que a prevalência da insegurança alimentar moderada ou severa nos agregados familiares é elevada nas províncias do Zaire, Cunene, Lunda Sul, Cuando Cubango, Lunda Norte, Bengo e Huambo variando entre 36,5% á 68,1% para o nível severo e entre 90,7% a 94,7% para a soma de moderada e severa. Nestas províncias observa-se que 9 em cada dez agregados familiares enfrentam prejuízos na qualidade e/ou quantidade da alimentação. Isto significa que cerca 1 em cada 10 agregados têm segurança alimentar. Por outro lado, o Cuanza Sul com cerca de 53% é a província com menor prevalência de insegurança alimentar moderada ou severa, o que quer dizer aproximadamente 5 em cada 10 agregados familiares sofrem de comprometimento na qualidade e/ou quantidade da alimentação consumida. Seguindo a este, está a província do Namibe com 62,7%.

**Cartograma 1 – Prevalência da insegurança alimentar moderada ou severa nos agregados familiares por província**



Relativamente a prevalência da insegurança alimentar severa, o **cartograma 2** mostra que 68,1% dos agregados familiares na província da Lunda Norte sofrem de insegurança alimentar severa, duas vezes mais da média nacional. Seguida das províncias da Lunda Sul e Cunene, com 60,7% e 54,9%, respectivamente. Por outro lado, observar-se que a província do Cuanza Norte (8,2%) apresenta a menor percentagem de agregados familiares com prevalência de insegurança alimentar severa. A seguir estão as províncias do Bié e Cuanza Sul (12,6% e 15,5%, respectivamente).

**Cartograma 2 - Prevalência da insegurança alimentar severa nos agregados familiares por província**



## 5.2. Prevalência de insegurança alimentar moderada ou severa na população

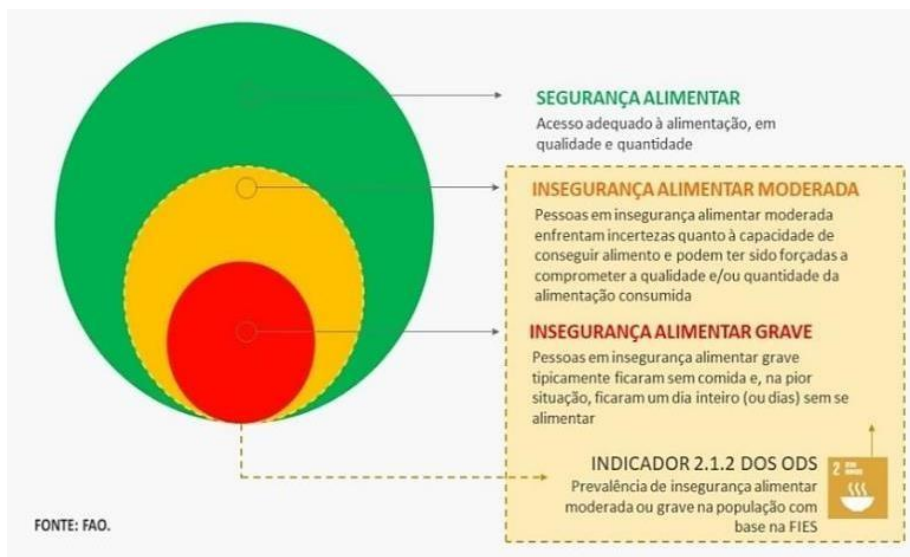
A prevalência de insegurança alimentar na população é um indicador que mede a percentagem de indivíduos que sofrem de insegurança alimentar a níveis moderados ou severos. A única diferença em relação às estimativas obtidas para os agregados familiares é o nível de representatividade, estabelecido ao nível da população total de Angola, e se deve exclusivamente aos números de pessoas que vivem nos agregados familiares de entre os grupos de insegurança alimentar. As pessoas que vivenciam a insegurança alimentar moderada enfrentam incertezas quanto a sua capacidade de obter alimentos e reduziram, por vezes durante o ano, a qualidade e/ou quantidade dos alimentos que consomem devido à falta de dinheiro ou outros recursos. Por sua vez, aqueles que enfrentam a insegurança alimentar severa provavelmente ficaram sem alimentos, passaram fome e, na situação mais extrema, ficaram um dia inteiro (ou mais) sem comer, colocando assim a sua saúde e bem-estar em grave risco.

A percentagem de insegurança alimentar severa na população é o valor que melhor se compara com a estimativa da prevalência de subalimentação (*Prevalence of Undernourishment – PoU*) utilizada pela FAO para medir a fome no mundo desde 1974. As estimativas mais recentes da prevalência de subalimentação para Angola, disponibilizadas no Relatório sobre o Estado da Insegurança Alimentar e Nutrição no Mundo de 2020<sup>11</sup> revelam uma prevalência de 18,6%, ou aproximadamente 5.7 milhões de pessoas, com subalimentação.

<sup>11</sup> FAO, IFAD, UNICEF, WFP and WHO. 2020. The State of Food Security and Nutrition in the World 2020. Transforming food systems for affordable healthy diets. Roma, FAO.

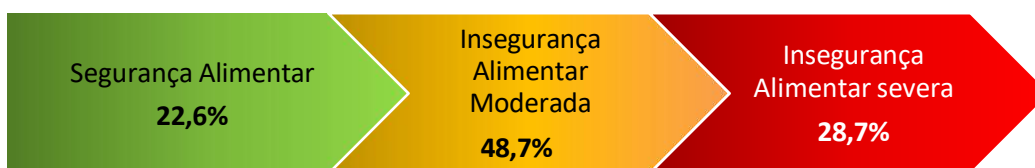
O indicador usado para monitorar o ODS 2.1.2 “Prevalência de insegurança alimentar moderada ou severa, baseado na Escala de Experiência de Insegurança Alimentar (FIES)” tem como objectivo auxiliar o governo na criação de políticas públicas para o enfrentamento da insegurança alimentar.

**Figura 2 – Níveis de insegurança alimentar medidos pela FIES no indicador 2.1.2 dos ODS**



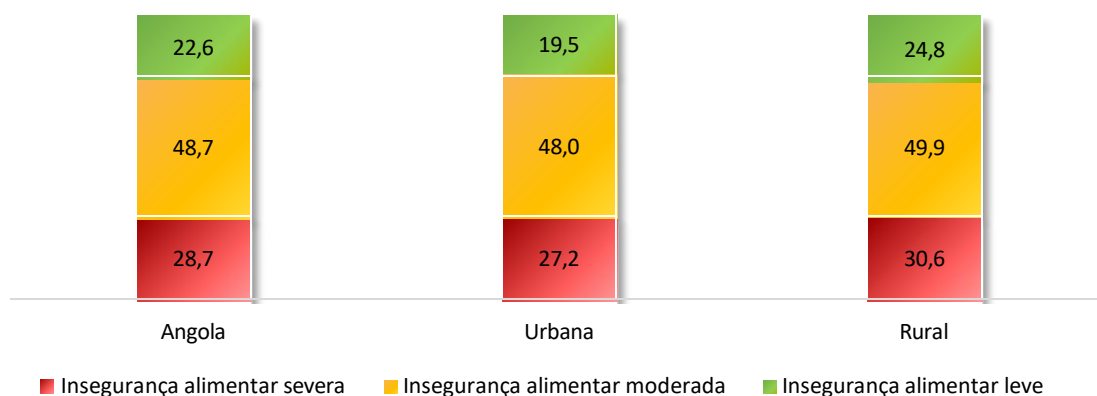
A soma dos percentuais de insegurança alimentar moderada e severa representa o valor do novo indicador **2.1.2 dos ODS** para o qual a FAO estima que existam actualmente mais de 2 bilhões de pessoas em risco de insegurança alimentar no mundo, inclusive nos países da Europa e América do Norte. Em Angola, o risco de insegurança alimentar moderada ou severa atinge 77,4% da população (48,7% e 28,7), ou aproximadamente 23,6 milhões de pessoas. Menos de um quarto da população de Angola, isto é 22,6% pode ser considerada “segura” do ponto de vista de acesso aos alimentos a nível nacional (**Figura 2**).

**Figura 3 - Resultados da Escala de Insegurança Alimentar na população**



A prevalência da insegurança alimentar moderada ou severa é maior na população da área rural em relação a população da área urbana (80,5% e 75,2%, respectivamente). O mesmo ocorre com a prevalência da insegurança alimentar severa, sendo maior entre os residentes na área rural, com uma diferença de três pontos percentuais em relação a população da área urbana, (30,6% e 27,2%, respectivamente).

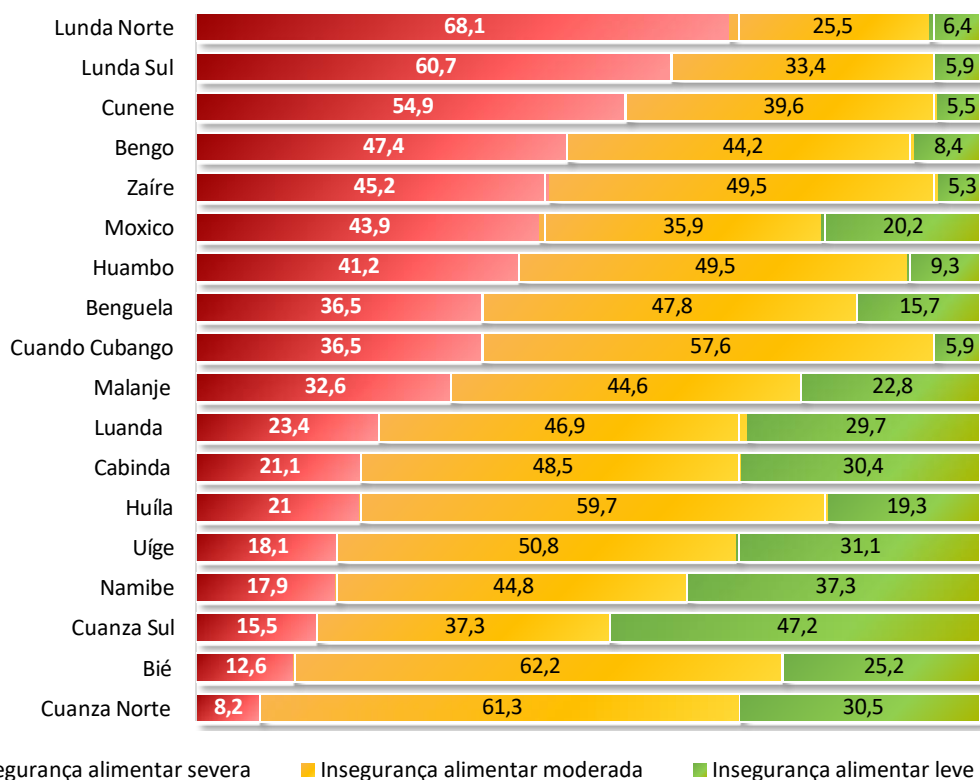
**Gráfico 4 - Prevalência de insegurança alimentar na população por área de residência**



As províncias da Lunda Norte e Lunda Sul e Cunene (67,5%, 58,8%, 50,7%) apresentam as prevalências mais elevadas da insegurança alimentar severa nas suas populações. Somando, representam aproximadamente 1.7 milhões de pessoas nestas províncias enfrentando graves dificuldades de acesso aos alimentos.

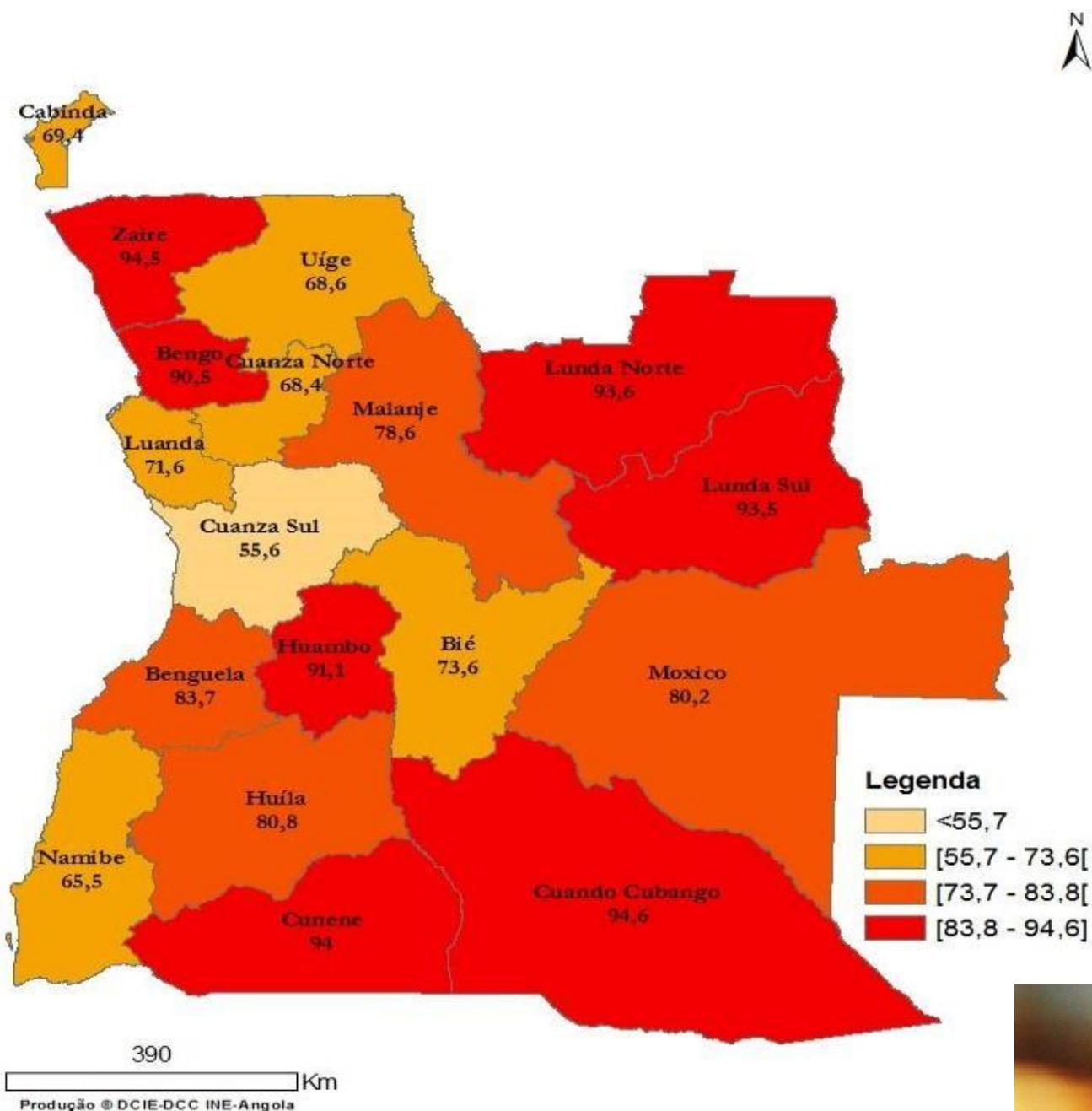
O **gráfico 5** mostra que a questão da insegurança alimentar varia entre as províncias. Quanto maior for a prevalência de insegurança alimentar severa menor a população que se considera segura no acesso aos alimentos a nível nacional. Encontram-se nestas condições as províncias da Lunda Norte, Lunda Sul, Cunene, Bengo, Zaire. A insegurança alimentar moderada é mais elevada nas províncias do Bié, Cuanza sul e Huíla, Cuando Cubango e Uíge. Por outro lado Cuanza Sul (47,2%) apresenta a maior prevalência de insegurança alimentar leve.

**Gráfico 5 - Prevalência de insegurança alimentar na população por província**



Os dados do **cartograma 3** mostram que a insegurança alimentar moderada ou severa é mais elevada na província do Cuando Cubango (94,7%), onde 9 em cada 10 pessoas enfrentam a insegurança alimentar severa. Estão nesta situação as províncias do Zaire, Cunene, Lunda Norte, Lunda Sul, Huambo e Bengo onde a prevalência varia de 94,5% á 90,5%. A província do Cuanza Sul (55,6%) registou a prevalência mais baixa de insegurança alimentar moderada ou severa.

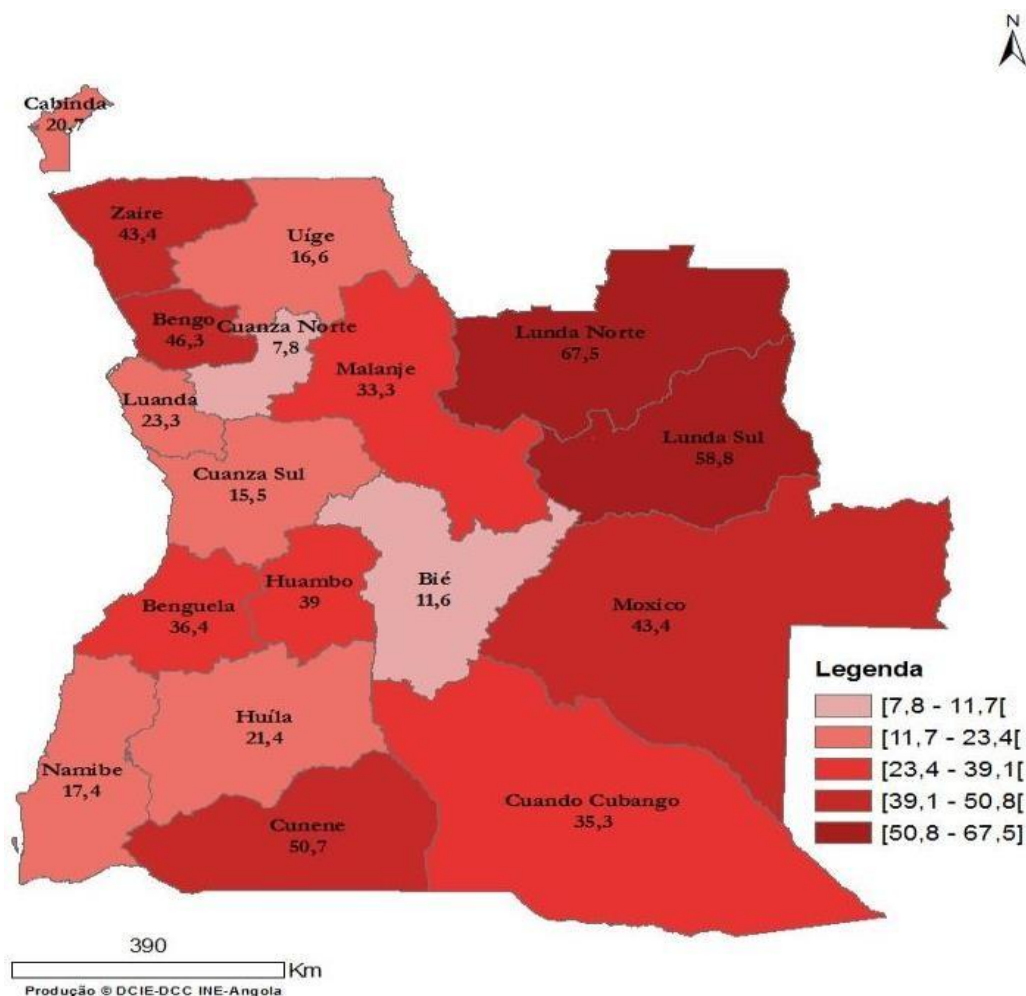
**Cartograma 3 – Prevalência de insegurança alimentar moderada ou severa na população por província**



As províncias da Lunda Norte e Lunda Sul e Cunene (67,5%, 58,8%, 50,7%) apresentam as prevalências mais elevadas da insegurança alimentar severa nas suas populações, somando

representam aproximadamente 1.7 milhões de pessoas nestas províncias enfrentando graves dificuldades de acesso aos alimentos. Por outro lado, pode-se observar que a população das províncias do Cuanza Norte (7,8%) e Bié (11,6%) têm as menores prevalências de insegurança alimentar severa.

**Cartograma – Prevalência de insegurança alimentar severa na população por província**



De acordo com os resultados do FIES 2019, as prevalências de insegurança alimentar são comparáveis com outras estimativas recentes de alguns países da região SADC conforme mostra o **quadro 4**, aonde se pode apreciar que Angola encontra-se dentro da média dos países vizinhos. Contudo esta comparação apresenta apenas uma imagem parcial, devido as diferenças nas fontes dos dados. Angola, Lesotho e Namibia, são os únicos países da região que possuem dados oficiais, quanto que Botswana e Eswatini, estão baseados nos dados estimados pela FAO, com base no Inquérito global da Gallup World Pool.

Quadro 4 – Prevalência da insegurança alimentar nos países da SADC<sup>2</sup>

Países da SADC	Insegurança alimentar severa	Insegurança alimentar moderada ou severa	Fonte
Angola	28.7	77.4	Dados Oficiais
Botswanab	41.2	66.7	Estimações FAO
Eswatinib	30	63.3	Estimações FAO
Lesothob	27.0	49.7	Dados Oficiais
Namibiab	31.3	56.4	Dados Oficiais

<sup>a</sup> Informações e dados disponibilizados pela FAO e publicados em FAO, IFAD, UNICEF, WFP, WHO. 2020. The State of Food Security and Nutrition in the World 2020. Transforming food systems for affordable healthy diets. Rome, FAO.

<sup>b</sup> Estimativas apresentadas como a média de 3 anos (2017-2019).

<sup>c</sup> Para anos não disponíveis, conta também com projeções da FAO.

## 6. POLÍTICAS PÚBLICAS SOBRE SEGURANÇA ALIMENTAR

As informações recolhidas com o módulo da FIES, permitem avaliar os programas do Plano de Desenvolvimento Nacional (PDN 2018-2022), referentes a Melhoria da Segurança Alimentar e Nutricional. Deste modo, a resolução da mesma passará na criação de políticas que visam priorizar as regiões com insegurança alimentar mais acentuadas sem esquecer das outras, de formas a se promover um nível de insegurança alimentar equitativo entre elas.

Segundo o indicador **PDN 2.3.5**, relativo a “**Melhoria da Segurança Alimentar e Nutricional**”, visa alcançar níveis satisfatórios de segurança alimentar e nutricional no país, reforçando a articulação entre instituições governamentais e a sociedade civil, na combinação de esforços em relação á identificação de problemas, á análise de situações e á proposta de eventuais soluções orientadoras, tendo em conta as estratégias sectoriais. Este programa tem como principal base o envolvimento activo das comunidades, tendo os municípios como núcleo estratégico de planificação, intervenção, acompanhamento e avaliação, procurando contribuir para relançar a economia rural, de formas a satisfazer as necessidades alimentares do país, através do aumento da produção e da qualidade dos alimentos, conduzindo assim, a uma melhoria da qualidade de vida da população. Com os dados da FIES o governo em especial o sector ministerial poderá avaliar e monitorar os seguintes programas:

- O Sistema Nacional de Informação e Segurança Alimentar;
- Identificar as causas e os factores que afectam a situação de insegurança alimentar;
- Avaliar os níveis de insegurança alimentar dos agregados familiares.
- Os fluxos de mercado, escoamento e funcionamento dos mercados rurais e outras actividades económicas e sociais.

<sup>2</sup> Southern African Development Community (Comunidade dos Países da África Austral)

---

# **ANEXO**

---



## Anexo 1 - Margem de Erro e Intervalos de Confiança

Quadro 1 - Estimativa da prevalência de insegurança alimentar

Escore bruto	Parâmetro de severidade do respondente	Erro Padrão	Número ponderado de casos em cada escore bruto	Probabilidade de insegurança alimentar moderada ou severa <sup>a</sup>	Probabilidade de insegurança alimentar severa <sup>a</sup>
0	-359.348	1.522.413	211108.2	0,000	0,000
1	-274.025	1.148.742	275663.6	0,021	0,000
2	-170.596	0.919955	300875	0,080	0,000
3	-0.93629	0.854088	509804.1	0,271	0,000
4	-0.21789	0.851274	496037.9	0,592	0,000
5	0.526311	0.900861	606860.5	0,852	0,001
6	1.468.112	1.046.348	758884.4	0,964	0,037
7	2.933.074	1.391.373	1751968	0,992	0,384
8	4.768.123	1.522.413	1433327	1,000	0,825

<sup>a</sup> As probabilidades apresentadas são baseadas nos limiares internacionalmente comparáveis determinados pela FAO para classificar os respondentes em categorias de insegurança alimentar.

Quadro 2 - Prevalência de insegurança alimentar moderada ou severa nos agregados familiares

	Média	Margem de erro	90% Intervalo de confiança	
<b>Angola</b>	<b>76.9</b>	<b>1.6</b>	<b>75.4</b>	<b>78.5</b>
<b>Área de residência</b>				
Urbana	74.7	2.2	72.5	76.9
Rural	79.7	2.1	77.5	81.8
<b>Província</b>				
Cabinda	69.6	6.0	63.6	75.5
Zaire	94.7	2.5	92.2	97.3
Uíge	68.9	6.0	62.9	74.9
Luanda	70.3	4.3	65.9	74.6
Cuanza Norte	69.5	5.0	64.5	74.5
Cuanza Sul	52.8	5.9	46.9	58.7
Malanje	77.2	6.1	71.1	83.3
Lunda Norte	93.6	3.0	90.6	96.6
Benguela	84.3	4.6	79.6	88.9
Huambo	90.6	3.5	87.2	94.1
Bié	74.8	5.2	69.6	80.0
Moxico	79.8	5.5	74.3	85.2
Cuando Cubango	94.1	2.5	91.6	96.7
Namibe	62.7	6.3	56.4	68.9
Huíla	80.7	4.5	76.2	85.1
Cunene	94.5	2.3	92.2	96.8
Lunda Sul	94.1	3.2	90.9	97.4
Bengo	91.6	3.2	88.4	94.8

**Quadro 3 - Prevalência de insegurança alimentar severa nos agregados familiares**

	Média	Margem de erro	90% Intervalo de confiança	
<b>Angola</b>	<b>29.7</b>	<b>1.4</b>	<b>28.3</b>	<b>31.1</b>
<b>Área de residência</b>				
Urbana	28.2	1.8	26.4	30.1
Rural	31.5	2.2	29.3	33.7
<b>Província</b>				
Cabinda	21.1	4.1	17.0	25.2
Zaire	45.2	5.1	40.1	50.4
Uíge	18.1	4.8	13.2	22.9
Luanda	23.4	3.4	20.0	26.8
Cuanza Norte	8.2	3.3	4.9	11.5
Cuanza Sul	15.5	4.6	10.9	20.2
Malanje	32.6	5.2	27.3	37.8
Lunda Norte	68.1	5.0	63.1	73.1
Benguela	36.5	4.6	31.9	41.2
Huambo	41.2	5.5	35.7	46.7
Bié	12.6	3.6	9.1	16.2
Moxico	43.9	7.6	36.4	51.5
Quando Cubango	36.5	5.1	31.4	41.6
Namibe	17.9	4.7	13.2	22.6
Huíla	21.0	4.8	16.2	25.9
Cunene	54.9	5.7	49.2	60.6
Lunda Sul	60.7	4.9	55.8	65.5
Bengo	47.4	5.5	41.9	52.9

**Quadro 4 - Prevalência de insegurança alimentar moderada ou severa na população**

	Média	Margem de erro	90% Intervalo de confiança	
<b>Angola</b>	<b>77.4</b>	<b>1.7</b>	<b>75.8</b>	<b>79.1</b>
<b>Área de residência</b>				
Urbana	75.2	2.4	72.8	77.5
Rural	80.5	2.3	78.2	82.8
<b>Província</b>				
Cabinda	69.4	6.8	62.6	76.2
Zaire	94.5	2.9	91.6	97.4
Uíge	68.6	6.8	61.8	75.5
Luanda	71.6	4.5	67.0	76.1
Cuanza Norte	68.4	5.5	62.9	73.9
Cuanza Sul	55.6	6.4	49.2	62.0
Malanje	78.6	6.3	72.3	84.8
Lunda Norte	93.6	3.4	90.3	97.0
Benguela	83.7	5.4	78.3	89.1
Huambo	91.1	3.9	87.2	95.0
Bié	73.6	5.9	67.7	79.6
Moxico	80.2	6.0	74.3	86.2
Quando Cubango	94.6	2.5	92.1	97.2
Namibe	65.5	6.7	58.8	72.2
Huíla	80.8	4.7	76.1	85.5
Cunene	94.0	2.7	91.3	96.6
Lunda Sul	93.5	4.4	89.1	97.9
Bengo	90.5	4.0	86.5	94.5

**Quadro 5 - Prevalência de insegurança alimentar severa na população**

	Média	Margem de erro	90% Intervalo de confiança	
<b>Angola</b>	<b>28.7</b>	<b>1.6</b>	<b>27.1</b>	<b>30.2</b>
<b>Área de residência</b>				
Urbana	27.2	2.0	25.2	29.3
Rural	30.6	2.4	28.1	33.0
<b>Província</b>				
Cabinda	20.7	4.5	16.1	25.2
Zaire	43.4	5.7	37.7	49.1
Uíge	16.6	5.0	11.6	21.7
Luanda	23.3	3.6	19.7	26.9
Cuanza Norte	7.8	3.5	4.3	11.3
Cuanza Sul	15.5	5.1	10.4	20.7
Malanje	33.3	5.8	27.5	39.1
Lunda Norte	67.5	5.6	61.9	73.1
Benguela	36.4	5.3	31.1	41.7
Huambo	39.0	6.2	32.8	45.2
Bié	11.6	3.5	8.0	15.1
Moxico	43.4	8.2	35.2	51.6
Cuando Cubango	35.3	5.8	29.5	41.1
Namibe	17.4	4.9	12.5	22.4
Huíla	21.4	5.2	16.1	26.6
Cunene	50.7	6.7	43.9	57.4
Lunda Sul	58.8	5.7	53.0	64.5
Bengo	46.3	6.1	40.1	52.4

## Anexo 2 – Metodologia de Cálculo do Erro Padrão

Para a obtenção das margens de erro, a avaliação da variabilidade amostral e de medida em torno das estimativas de prevalência é realizada da seguinte forma:

- 1. Variabilidade amostral:** Obtém-se o erro de amostragem, considerando informação sobre o desenho de amostragem complexa da pesquisa. Este processo envolve o uso do estimador de variância linearizado por série de Taylor (*Taylor series linearization estimation*).
- 2. Variabilidade da medida:** Calcula-se o erro de medida, isto é, o grau de incerteza em torno da medida. Este cálculo é feito considerando que, em cada escore bruto, a variância na proporção da verdadeira severidade acima de um determinado limiar é dada por:

$$p(1-p)/n,$$

Onde  $p$  é a proporção estimada pelo método utilizada para calcular a prevalência e  $n$  é o número de casos sem ponderação no escore bruto em questão. Estas variâncias são então somadas ao longo dos escores brutos e ponderadas pelo quadrado da respectiva acção, a saber, a proporção de casos ponderados no escore bruto.

- 3. Cálculo da margem de erro total:** Porque os erros amostrais e de medida são considerados independentes, eles são combinados para obter o erro padrão da medida de prevalência global, como segue:

$$EP_{tot} = \sqrt{(Erro\ amostral)^2 + (Erro\ de\ medida)^2}$$

A margem de erro (%) no nível de 90% é então calculada como:

$$EP_{tot} * 1.645 * 100$$

### Anexo 3 – Metodologia de Análise da FIES

A FIES é uma métrica da severidade da insegurança alimentar, obtida a partir das respostas directas das pessoas à oito perguntas que avaliam suas experiências em relação ao acesso aos alimentos. Com base nas respostas ao módulo de inquérito FIES, atribui-se aos inquiridos uma probabilidade de pertencerem a uma de três classes de severidade definidas por dois limiares globalmente estabelecidos:

1. Segurança alimentar ou insegurança alimentar leve;
2. Insegurança alimentar moderada;
3. Insegurança alimentar severa.

Esta informação é utilizada para produzir o indicador 2.1.2 dos ODS, “Prevalência de insegurança alimentar moderada ou severa na população, com base na FIES” (IAmod+sev), a qual consiste na soma da proporção da população afectada pela insegurança alimentar moderada mais a proporção classificada como severamente insegura do ponto de vista alimentar. Como um indicador complementar, a “Prevalência de insegurança alimentar severa na população, com base na FIES” (IAsev) é calculada considerando-se apenas a classe de insegurança alimentar severa.

As pessoas que vivenciam a insegurança alimentar moderada enfrentam incertezas quanto a sua capacidade de obter alimentos e foram forçadas a reduzir, por vezes durante o ano, a qualidade e/ou a quantidade dos alimentos que consomem devido à falta de dinheiro ou outros recursos. Refere-se, portanto, a uma falta de acesso regular e consistente aos alimentos que diminui a qualidade da alimentação, prejudica a adopção de padrões alimentares normais e pode ter consequências negativas para a boa nutrição, saúde e bem-estar. Por sua vez, aqueles que enfrentam a insegurança alimentar severa provavelmente ficaram sem alimentos, passaram fome e, na situação mais extrema, ficaram um dia inteiro (ou mais) sem comer, colocando sua saúde e bem-estar em grave risco.

Cada pergunta da FIES se refere a uma experiência diversa e se relaciona com um nível diferente de gravidade de insegurança alimentar. Deste modo, um conceito essencial que acompanha a FIES é que os itens (questões) e os inquiridos (indivíduos ou agregados) estão posicionados na mesma escala subjacente (crescente) de severidade de insegurança alimentar, tratada como um traço latente mensurável.

Figura nº 1 – A insegurança alimentar ao longo do gradiente contínuo de severidade



FONTE: FAO.

Na forma de respostas binárias (“sim”/“não”), os dados são analisados por meio do modelo logístico de um parâmetro, também conhecido como modelo Rasch. De acordo com o modelo, a probabilidade de um inquirido dizer “sim” para um item da FIES é modelada como uma função logística da distância (ao longo da escala) entre o seu nível de severidade (parâmetro de severidade do respondente) e a severidade do item (parâmetro de severidade do item), como mostra a equação abaixo.

$$Prob(X_{i,j} = \text{Sim}) = \frac{\exp(a_i - b_j)}{1 + \exp(a_i - b_j)}, \quad \forall i, j,$$

Onde:  $X_{i,j}$  é a resposta do inquirido  $i$  ( $i=1, 2, 3, \dots, n$ ) ao item  $j$  ( $j=1, 2, 3, \dots, n$ ) e  $\in\{0,1\}$ ;  $a_i$  e  $b_j$  representam, respectivamente, a posição do respondente e a posição do item na escala unidimensional de severidade.

Uma premissa básica do modelo Rasch é que as pessoas respondem às questões de acordo com a gravidade da insegurança alimentar que experimentam, isto é, quanto mais severa for a situação de insegurança alimentar de um respondente, maior será sua probabilidade de responder afirmativamente a determinado item. Além disso, a ordem dos itens da FIES em termos da gravidade que refletem não é dada a priori, é relativa, no sentido de que depende da frequência com que os inquiridos respondem afirmativamente aos itens.

Um aspecto a se observar é que, em diferentes países e culturas, um mesmo item da FIES pode estar associado a um nível de severidade diferente. Isto ocorre tanto em decorrência de variações na interpretação do item resultantes de sua adaptação e tradução à língua ou cultura locais, quanto devido a diferenças reais na forma como a insegurança alimentar é vivida e administrada nos diversos contextos. Além disso, como o modelo Rasch é definido apenas em termos de diferenças nos níveis de gravidade, o “zero” (a origem) da escala de medição não é identificado. Por convenção, a origem é determinada pela média das severidades dos itens, específica de cada aplicação. Isto significa que os parâmetros de severidade dos itens e dos respondentes obtidos em diferentes contextos/aplicações não podem ser imediatamente comparados; precisam antes ser calibrados com uma escala de referência.

A **validação estatística** é uma etapa fundamental do processo analítico da FIES, de modo a assegurar que a medida obtida seja válida e fiável para os usos pretendidos em matéria de políticas e pesquisa. O processo de validação é feito para avaliar a qualidade dos dados, testando a sua consistência e cumprimento às premissas do modelo Rasch. Este processo engloba a interpretação de diversas estatísticas que revelam:

- 1) Se há qualquer item que não tem um bom desempenho no contexto em que foi aplicado;
- 2) A possível presença de dimensões adicionais capturadas pelos dados;
- 3) Casos com padrões de resposta altamente erráticos;
- 4) Itens que podem ser redundantes;
- 5) A proporção da variância total nos dados que é explicada pelo modelo de medida.

O somatório das respostas afirmativas às oito questões da FIES ou escore bruto de um inquirido (um número inteiro com valor entre zero e oito) é a estatística mais simples que pode ser obtida com a utilização do instrumento. Para os dados que passam nos testes de validação estatística, o escore bruto é capaz de representar uma medida ordinal da gravidade da insegurança alimentar, com pontuações mais baixas correspondentes a uma insegurança alimentar menos severa. O parâmetro do respondente, todavia, provê uma medida intervalar da gravidade da insegurança alimentar e é a métrica adequada para a produção de indicadores formalmente comparáveis entre países e diferentes contextos.

Se a etapa de validação estatística indica que os dados são válidos e fiáveis, o passo seguinte antes do cômputo de estimativas de prevalência que sejam internacionalmente comparáveis é a **calibração** da escala nacional com a escala padrão de referência global da FIES. Este procedimento assegura que as classes de insegurança alimentar sejam definidas por limiares padrão, estabelecidos com o mesmo nível de severidade em todos os países/aplicações da escala. Os limiares padrão que permitem estimar a  $IA_{mod+sev}$  e a  $IA_{sev}$  correspondem, respectivamente, à severidade do item “ATELESS” (“*comeu menos*”) e do item “WHLDAY” (“*ficou o dia inteiro sem comer*”) na escala padrão da FIES.

O procedimento de calibração garante que estes limiares padrão sejam ajustados para a métrica da escala nacional e que, assim, os inquiridos possam ser alocados probabilisticamente a classes comuns de insegurança alimentar, dado seus escores brutos. As probabilidades de estarem pelo menos moderadamente em insegurança alimentar (ou, em outras palavras, acima do limiar para “moderado”) ou severamente em insegurança alimentar (acima do limiar para “severo”) são determinadas assumindo-se que um inquirido com determinado escore bruto pertence a um grupo dentro do qual a gravidade da insegurança alimentar é distribuída normalmente, centrada no nível de severidade correspondente ao parâmetro estimado do respondente, com um desvio-padrão igual ao erro-padrão estimado. A prevalência da insegurança alimentar na população é então dada pela soma ponderada das probabilidades específicas de cada escore bruto. As proporções ponderadas dos indivíduos vivendo em um agregado familiar em cada escore bruto na população são utilizadas como pesos.

Para concluir, vale reforçar o significado e interpretação dos dois indicadores baseados na FIES que podem ser utilizados para fins de monitoramento em nível nacional e global.

- $IA_{mod+sev}$  → Proporção da população que enfrenta **insegurança alimentar moderada e severa** (indicador 2.1.2 dos ODS)
- $IA_{sev}$  → Proporção da população que enfrenta **insegurança alimentar severa**

### Interpretação

As pessoas que vivenciam a insegurança alimentar moderada têm, tipicamente, uma alimentação de baixa qualidade e podem ter sido forçadas, por vezes ao longo do ano, a também reduzirem a quantidade que seria normalmente consumida, enquanto aqueles vivenciando níveis severos teriam muito provavelmente ficado um ou mais dias inteiros sem se alimentarem, devido à falta de dinheiro ou de outros recursos para obter comida.

## Anexo 4 - Questionário

## SECÇÃO 12: INSEGURANÇA ALIMENTAR

AGORA GOSTARIA DE FAZER ALGUMAS PERGUNTAS SOBRE A ALIMENTAÇÃO DO AGREGADO NOS ÚLTIMOS 12 MESES															
S12_01		S12_02		S12_03		S12_04		S12_05		S12_06		S12_07		S12_8	
NOS ÚLTIMOS 12 MESES, ALGUMA VEZ <b>O AGREGADO</b> ESTEVE PREOCUPADO QUE FICARIA SEM COMIDA POR FALTA DE DINHEIRO?		NOS ÚLTIMOS 12 MESES, ALGUMA VEZ <b>O AGREGADO</b> NÃO CONSEGUIU INGERIR ALIMENTOS SAUDÁVEIS E NUTRITIVOS DEVIDO À FALTA DE DINHEIRO OU DE OUTROS RECURSOS?		NOS ÚLTIMOS 12 MESES, ALGUMA VEZ <b>O AGREGADO</b> TEVE DE COMER APENAS ALGUNS TIPOS DE ALIMENTOS POR FALTA DE DINHEIRO OU OUTROS RECURSOS?		NOS ÚLTIMOS 12 MESES, ALGUMA VEZ <b>O AGREGADO</b> TEVE DE DEIXAR DE FAZER ALGUMA REFEIÇÃO PORQUE NÃO HAVIA DINHEIRO SUFICIENTE E OUTROS RECURSOS PARA OBTER COMIDA?		NOS ÚLTIMOS 12 MESES, ALGUMA VEZ <b>O AGREGADO</b> COMEU MENOS DO QUE ACHOU QUE DEVIA POR FALTA DE DINHEIRO OU OUTROS RECURSOS?		NOS ÚLTIMOS 12 MESES, ALGUMA VEZ <b>O AGREGADO</b> FICOU SEM COMIDA POR FALTA DE DINHEIRO OU OUTROS RECURSOS?		NOS ÚLTIMOS 12 MESES, ALGUMA VEZ <b>O AGREGADO</b> ESTAVA COM FOME, MAS NÃO COMEU PORQUE NÃO HAVIA DINHEIRO SUFICIENTE OU OUTROS RECURSOS PARA ALIMENTAÇÃO?		NOS ÚLTIMOS 12 MESES, ALGUMA VEZ <b>O AGREGADO</b> FICOU SEM COMER POR UM DIA INTEIRO POR FALTA DE DINHEIRO OU OUTROS RECURSOS?	
Sim	1	Sim	1	Sim	1	Sim	1	Sim	1	Sim	1	Sim	1	Sim	1
Não	2	Não	2	Não	2	Não	2	Não	2	Não	2	Não	2	Não	2
CÓDIGO		CÓDIGO		CÓDIGO		CÓDIGO		CÓDIGO		CÓDIGO		CÓDIGO		CÓDIGO	



**Instituto Nacional de Estatística**  
Av. Ho-Chi-Minh  
Luanda - Angola  
Tel.: (+244) 226 420 730/1  
<https://www.ine.gov.ao>  
[geral@ine.gov.ao](mailto:geral@ine.gov.ao)